

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Narrativas do Espaço e de Si: o Ceará na Trilogia da Maldição de José Alcides Pinto.

Francisco Francijési Firmino¹

Resumo: Neste trabalho propomos estudar a construção do Ceará, tendo por fonte a “Trilogia da Maldição” do literato José Alcides Pinto. Buscamos tecer a relação entre o Ceará configurado nestas obras e a crise da esquerda no Brasil. Utilizamos-nos da autobiografia do autor, intitulada “Manifesto Traído” (1984), na qual José Alcides narra sua prisão dada pela militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB). O encarceramento é apontado na obra como momento em que o autor rever sua trajetória política, como momento em que busca afastar-se do PCB e começa a pensar na escrita da “Trilogia da Maldição”, que trataria de suas memórias da infância no interior do Ceará. Este trabalho então versa sobre a relação entre biografia e escrita, percebendo como José Alcides busca, em sua descrição do Ceará, reconciliar-se consigo, ou seja, justificar sua posição de ex-militante comunista.

Palavras-chaves: Ceará, Partido Comunista e Autobiografia.

Abstract: In this work we consider to study the construction of the Ceará, having for source the "Trilogia da Maldição" by Jose Alcides Pinto. We search to weave the relation enters the configured Ceará in these books and the crisis of the left in Brazil. We use ourselves of the autobiography of author, intitled "Manifesto Traído" (1984), which Jose Alcides tells to him capture given for the militancy in Brazilian Communist Party (PCB). The imprisonment is pointed into the book as a moment that the author to review him trajectory politics, as moment where he searches to move away himself from the PCB and to think about the writing of the "Trilogia da Maldição", that he would deal with him memories of infancy in the agricultural zone of the Ceará. This work then turns on the relation between biography and writing, perceiving as Jose Alcides searches, in him description of the Ceará, to reconcile himself, or either, to justify him position of former-militant Communist.

Keywords: Ceará, Communist Party and Autobiography.

Em 1964, a Ditadura Militar já era uma preocupação constante para escritores, principalmente para aqueles, como José Alcides Pinto, que participavam das trincheiras do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Nas décadas de 60 e 70, uma política de controle de estéticas e temáticas interferira na criação e distribuição das obras de artistas intelectuais. A arte, desde os movimentos de fundo fascista, deixou de ser pensada como mera fonte de divertimento, passatempo inocente de pouca significação social; ela torna-se importante veículo para a disseminação de uma forma de governo (DELEUZE, GUATTARI, 1997). A literatura, linguagem a que nos atemos aqui, estaria sob a égide de uma instituição que queria

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista da CAPES.

controlar a circulação de idéias, cercear aquilo que deponha contra ela, levar as falas da dispersão a uma tautologia. A censura no Brasil surgiu junto com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1932, com início do Estado Novo, tendo permanecido em todos os anos populistas sob o nome de Departamento Nacional de Informações (DNI), e na Ditadura Militar com o nome de Serviço Nacional de Informação (SNI) (SADER, 1989).

É nesse contexto que acontece a publicação da “Trilogia da Maldição” (PINTO, 1999) – composta pelas obras “O Dragão” (1964), “Os Verdes Abutres da Colina”(1974) e “João Pinto Maria: a biografia de um louco” (1974) – do literato José Alcides Pinto.

“O Dragão” foi escrito em 1957, logo quando José Alcides retornou do Rio de Janeiro à Fortaleza, mas somente publicado em 1964. A obra trata do cotidiano da Aldeia de Alto dos Angicos, das experiências com a seca e a enchente e das noções apocalípticas que selariam o destino do povoado. Narra o fracasso de Pe. Tibúrcio, de sua vontade de ensinar à comunidade as virtudes católicas, que frente aos cataclismos vividos no povoado - a sina de estar ora destruído pela enchente ora esturricado pela estiagem – não permite medrar qualquer idealismo, num espaço onde a tensão entre sobrevivência e morte é diária. Lá, só resta o cinismo, acreditar que as “leis da natureza” seriam mais fortes que qualquer preceito da moral. É o instinto, a inutilidade, a preguiça, o vício, o roubo, que imperam na comunidade.

“Os Verdes Abutres da Colina” narra a origem e o fim da aldeia de Alto dos Angicos. Conta a história do coronel português que no século XIX aportara no Ceará. Em terra, raptou uma índia Tremembé de Almofala, seguiu o rumo dos ventos e parou num lugar que mais lhe agradara para, junto com a índia, fundar a aldeia de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito e povoar também quase toda a região norte do estado. O coronel é posto como tronco do qual se ramificam os cearenses, um ancestral primordial do qual os habitantes do estado guardam hereditariamente as características: o gosto pelo sexo e a aparência e os gesto de animal. É a partir de Antônio José Nunes que a maldição do Ceará se inicia, ele que teria o “cão no couro”, que não respeitava os laços de consangüinidade, cobrindo assim suas filhas e suas netas, legou às gerações de sua descendência a ira de Deus.

Juntamente com “Os Verdes Abutres da Colina”, foi publicado, em 1974, “João Pinto Maria: a biografia de um louco”. Obra que José Alcides diz contar a história de vida de seu avô de mesmo nome. A narrativa sobre João Pinto se localiza no início do século XX, ele seria, grosso modo, um burguês ao estilo de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito. Ele teria a preocupação com a acumulação de renda, com a economia do dinheiro - um usurário, como dizia Pe. Tibúrcio - sem, no entanto, vestir-se nem portar-se urbanamente, como os outros arrivistas do Ceará - o próprio autor constrói cenas em que é possível fazer

essa comparação. Ele foi soldado da borracha na Amazônia, logo depois voltou ao Ceará, pra sua aldeia natal. Nesse período, o Cel. Antônio José Nunes já havia morrido e suas terras divididas entre sua prole. Foi aí que João Pinto comprou todas as terras que pertenciam ao avô. Trabalhava de sol a sol, dormiu junto com os bodes para não ser furtado.

Histórias de maldição, dos males da hereditariedade, de uma natureza caótica e perversa; história de vícios, de demônios: histórias sobre o Ceará. Mesmo já contando com mais de uma dezena de livros publicados, é na “Trilogia da Maldição” a primeira vez que José Alcides fala em Ceará, em regionalismo. As motivações para esse aparecimento foram explicitadas numa autobiografia do autor, o “Manifesto Traído” (PINTO, 1998), publicada em 1979. José Alcides, nesse romance/memória, conta sua trajetória enquanto militante do PCB e sua ruptura com o partido em virtude de sua prisão, nos anos de 1950 e início de 1960, vítima da censura do DNI. É nesta narrativa também que estabelece chaves para a leitura da “Trilogia da Maldição”, afirmando que o Ceará de sua obra é aquele em que viveu na infância. Neste trabalho, gostaríamos de pensar o espaço construído num limiar entre obra e comentários do autor; o autor comentador de sua obra, marcando-a e limitando as possibilidades de sentido, de interpretação (FOUCAULT, 1996).

No “Manifesto Traído”, a prisão de José Alcides, na década de 50, significou para o autor uma mudança de sua perspectiva literária. Sobre ela, o literato constrói um marco que o faria abandonar uma perspectiva mais “universalista” e “comunista” de literatura, para dedicar-se ao tema do regionalismo cearense, falar de sua infância no interior do Ceará, na aldeia de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito.

“Há pouco o que fazer na prisão, escreve o autor”. E continua: “Na verdade, nada há o que fazer ali” Escrever pareceu-lhe uma boa opção para passar o tempo. Escrever um livro para “matar o tempo”, afinal

é preciso matar o tempo de qualquer jeito. O tempo, na prisão, é como um charco, apodrece a alma. Tinha muita coisa se se dispusesse. E essas coisas falariam mais alto que os programas do partido, os boletins de propaganda, as paredes pichadas, os discursos dos deputados, a voz dos líderes sindicais nos comícios (PINTO, 1998:32).

No entanto, levando em conta que sua prisão foi dada por causa de artigos que havia escrito para o jornal do Partido Comunista, no Rio de Janeiro, nem todos os temas lhe pareciam pertinentes: “podia escrever um livro de memórias, relatando seu passado de lutas, mas é quase certo que os policiais rasgariam” (PINTO, 1998: 31). Seu passado infantil parece-lhe não apresentar riscos de mais confrontos com a polícia. Pelo contrário, seria muito bem aceito, haja vista que comporia o panorama de um discurso nacional-popular que desde o

governo de Vargas contava com o apoio dos órgãos repressores (CAPELATO, 2003; RIDENTE, 2003). Escolheu falar de sua “família extraordinária”, de sua “ascendência”, que como escreve o próprio autor, já por si eram “tipos estranhos, personagens de romances”. Queria contar “porque os homens da família ficavam loucos, falar da consangüinidade e do mal de origem comum a todos. Como vieram dar o primeiro varão da estirpe do Ceará” (PINTO, 1998:32).

No entanto, em “Manifesto Traído”, a ação de escrever sobre a aldeia onde nascera é também colocada numa perspectiva mais ampla do que um mero passatempo. Ela é antecedida por ostensivas críticas às exigências disciplinares internas ao Partido, às humilhações sofridas pelo autor da parte dos dirigentes nos momentos que se seguiram a sua adesão, e à cansativa invocação de heróis, de ídolos, como os bustos de Stalin e Lênin, sempre postos como modelos cujos passos obrigatoriamente teriam de ser refeitos pelos membros do PCB. As reflexões que o autor diz ter feito na prisão, apontam para o seu afastamento do Partido. Olhava para o PCB como algo tão aprisionador quanto a cela que ocupara. Escrever sobre suas memórias do Ceará, para si, era mais que um conforto para as horas que demoravam a passar, implicava numa nova política pessoal, na qual o comunismo acinzentava.

“No cárcere, tornar-se-ia, talvez, mais suscetível às recordações” (PINTO, 1998:31), recordações que lhe traziam outras vozes dissonantes àquelas que o rodeavam, vozes que seriam linhas de fuga, que o retirariam daquele território de comunista e de preso, para os territórios da infância. Ordenariam suas memórias em romance, ordenariam a “Trilogia da Maldição”. O sertão do Ceará de José Alcides é aquele espaço distante que parece também apossar-se do significado que a palavra tinha antes de ser associado no século XIX ao Norte e no XX ao Nordeste, quando era sinônimo de distante de toda urbanidade (BARBOSA, 2000); o sertão de José Alcides é aquele em que se vislumbra a pureza da maldição, que faz com que os homens que lá nasceram não se “contaminem” de outras tendências, não sejam tocados pela “cosmopolidade” que os indivíduos dos anos 60 estavam expostos, não possam ser ensinados sobre outros mundos, nem fazer o coração vacilar em utopias. Um Ceará que seja o de sua infância, ao mesmo tempo em que negue suas tendências comunistas.

A “Trilogia da Maldição” fala de indivíduos que nasceram no Ceará, pertencentes de uma mesma ancestralidade amaldiçoada pelo atavismo, o qual injeta na natureza desses seres a preguiça e a promiscuidade; vidas sem grandes feitos, sem ambições, ou, nas palavras do autor em “O Dragão”, vidas “sem sentido” (PINTO, 1999). José Alcides em sua

autobiografia coloca-se igualmente como pertencente a essa ancestralidade, a essa maldição. O autor pensa que sua tentativa de romper com os aspectos atávicos que ele traz no sangue trouxe seu castigo, a prisão. Sua saída da aldeia em que nasceu, a busca pelo sucesso literário, sua associação com as utopias comunistas, por tudo que fez “desnaturalizar” sua identidade, negar seu sangue e suas referências culturais primeiras, foi castigado com sua prisão. Em “Manifesto Traído”, o autor acaba por vincular biografia e romance, ele torna-se exemplo do que ele fala – o Ceará que ele constrói nos romances da “Trilogia da Maldição” o atravessa, corre-lhe nas veias.

No caminho traçado por José Alcides Pinto, a tentativa de fuga aos atos atávicos do sertanejo, a busca pela moralidade e pelo engrandecimento através do heroísmo individual - serão castigados pelo “destino”, impõe ao cearense que tentar fazê-lo o fracasso ou a invalidez. Os protagonistas de José Alcides, na “Trilogia da Maldição”, são marcados por essa essência do sertão, aqui pretendo me deter especial em Pe. Tibúrcio, que faz parte dos três romances, e André.

Padre Tibúrcio, nascido no sertão cearense, logo na infância vai para o seminário. Depois de tornar-se vigário, retorna para a aldeia natal. Lá, quer ensinar sua moral, a uma multidão que classifica como ociosa, o que, para o padre é a explicação para os vícios da comunidade, o roubo, a mentira e a fofoca. O ocioso representa a multidão como face de desvio do “amor, do bem e da virtude”, que são os fundamentos de sua moral. No entanto, o padre vislumbra o fracasso de seus ensinamentos. Não ensinou sua moral a multidão, essa que desdenha o poder e as regras da critãs; uma gente tendenciosa a desordem e a promiscuidade.

Gastei minha mocidade neste lugarejo. E vejo que foi um tempo perdido. Joguei as sementes do Amor, da Virtude, da Perseverança sobre estas paragens, estas almas, cômico de que um dia obteria o fruto de meus esforços. No tempo da colheita vejo (como naquela parábola de Jesus) o joio sufocando o trigo. (PINTO, 1999: 102).

Ao invés de Alto dos Angicos aprender com os ensinamentos do padre, a comunidade ensinou-lhe a loucura e o cinismo: “Estou virando, por assim dizer, um louco, um cínico”, afirma o padre. O cinismo é a doutrina filosófica, que tem por fundadores os filósofos gregos Antístenes de Atenas e Diógenes de Sinope. Segundo tais filósofos, as questões morais e culturais que se articulam na vivência do indivíduo têm de ser obliteradas, pois estas não correspondem às leis que a natureza impõe para a vida. O cinismo é o suplício da moral em detrimento às condições “inatas” ao Homem. O que o padre sente e acredita não é o que ele diz. Sua “essência” é transgressora, ou seja, sertaneja, reforça a situação de pecador ou de cínico que nivela a todo homem. Sente um demônio, o “cão” que tem no couro aqueles que nasceram naquele lugar.

Sinto o mar dentro de mim, latejando como uma víbora. Ele está plantado meus pulmões, deitando raízes, crescendo, minando-me as forças, ganhando terreno, dominando-me. Lateja-me na espinha como um dragão inflamado. E queima-me. (PINTO, 1999: 107-8).

Então, sente finalmente a víbora e o dragão que à morte lhe bafeja, símbolos presentes no Apocalipse, que tem sua equivalência ao demônio: “(...) o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás (...)” (Apocalipse, 20:2). É este que lateja em Pe. Tibúrcio, manifestação de sua maldição, pagar o preço por ter nascido em Alto dos Angicos. O conflito entre o padre e a multidão, em José Alcides Pinto, acontece no campo do ensinamento, no sentido da evangelização. O padre busca ensinar a moral católica à multidão, mas ao final da vida percebe que a multidão lhe ensina a “vida” com o “Demônio”, fazendo com que então a multidão não sucumba frente aos ensinamentos do padre, mas sim o padre aprenda com ela. Não a escapatória para aquele que nasceu em Alto dos Angicos, no Ceará, a não ser seguir as determinações de seus ancestrais.

Não muito diferente ocorre com Davi, também nascido no sertão cearense, que sonhava com seu futuro nas Forças Armadas e por eles sentia-se distanciado distanciar-se da multidão.

Davi, agora, sentia-se proscrito em seu próprio berço natal. "Que gente estranha" - pensava ele, esquecido de seu passado. - "Só andam se coçando, mijando nas ruas, desenhando pornografias nas paredes, cuspidando à toa, mentindo, abrindo a boca, se espreguiçando..." (PINTO, 1999: 118).

Davi buscava fugir da condição animal, a que dizia ter seus conterrâneos, e para isto buscava refúgio na ciência. “Davi não se adaptava mais aos costumes dos primos, dos antigos colegas, com que diabo então havia de espairer? Os teoremas, a análise científica(...), pouco concorriam para encher sua vida interior. Eram práticas mais apropriadas à mente” (PINTO, 1999: 118-119). Homem da ciência que sonha consigo sendo “Santos Dumont, Édson, Morse, Graham Bell”, de um reconhecimento individual de perspicácia e perícia, herói individual, homem verticalizado frente aos outros, frente a uma multidão sertaneja. Seus inventos “assombraram a humanidade”. Davi quer ser grande, quer “apoiar-se em nos ombros de gigantes”, como fez Newton. No jogo dos espelhos, Davi quer ver-se Santos Dumont, Édson, Morse, Graham Bell e, nesse mesmo espelho, ver-se distanciado da multidão.

O heroísmo de Davi, sua distância em relação aos que o rodeava, seria terminantemente marcado pela sua aprovação na aeronáutica brasileira: “a notícia fora alvissareira: o telegrama era de Davi, avisando ao pai que tinha sido aprovado nos exames e que recebera, igualmente, licença para ‘exercícios no ar’” (PINTO, 1999: 128). Logo em um

de seus primeiros vôos, cai com o avião. Sobrevive a queda, mas tem uma de suas pernas decepada. Com isso, seu pai enlouquece, culpando-se, de ter incentivado o filho a almejar ser um herói nacional.

Pe. Tibúrcio e Davi tentaram romper com a identidade sertaneja – que autor diz na autobiografia também quisera fazer até o momento da prisão - almejaram a virtude, o heroísmo, a riqueza e o progresso; lutaram contra essa “essência” da terra que nutre os seus sangues e instintos. A eles, o autor dá como destino à tragédia da loucura, do fracasso. O sertão cearense seria onde espaço e ser se coalescem, como seres devotados aos destinos de suas naturezas; um Ceará que dá sentido aos conflitos que o autor estava vivendo no momento da escrita da trilogia.

Em 1979, em “Manifesto Traído”, o autor retoma o Ceará na “Trilogia da Maldição” como possibilidade para a fuga dos sentidos do comunismo; apropria-se dos discursos sobre atavismo e hereditariedade, comuns as interpretações sociológica do século do final do XIX e início do século XX, para configurá-los como retorno a sua natureza, a sua “essência”. A escrita de seu Ceará de si, o Ceará de suas experiências, como buscou pensa-lo em “Manifesto Traído”, faz referência à crise das utopias que teve nas décadas de 60 e 70, um sertão, um Ceará, sem utopias.

Referências Bibliográficas:

- BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão**: Um lugar incomum: O sertão na literatura do século XIX. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). **O tempo do nacional-estadismo: do início de 1930 ao apogeu do Estado Novo**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- PINTO, José Alcides. **Trilogia da Maldição**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- _____. **Manifesto Traído**: depoimento/memória. 2ª ed. Fortaleza: Forgel, 1998.
- RIDENTI, Marcelo. *Cultura e política : os anos 1960 – 1970*. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SADER, Emir. *A transição no Brasil: da ditadura à democracia?* São Paulo: Atual, 1989.